

*"(...) Mas na biblioteca eu nunca pus os pés.
Labirinto..."*

A biblioteca é um labirinto? (...)

*A biblioteca é um grande labirinto, signo do
labirinto do mundo. Entrás e não sabes se sairás."*

Umberto Eco, o nome da Rosa, 1982, p. 187.

Bibliotecários para quê?

Diva Carmen Greniuk, Elenita Silva Machado, Eliane Leitzke Brahm, Marilu Silveira Schirmer, Mônica Araújo Nodari, Mônica Veeck Pursch e Verônica Frantz Uberti são alunas no curso de Biblioteconomia da UFRGS, tendo realizado este trabalho sob a supervisão da professora Ana Maria Dalla Zen.

A biblioteca, nascida com o surgimento da escrita, acompanha o curso da História como uma instituição indispensável para o armazenamento a guarda, a preservação do produto da ação humana, o *conhecimento*, na forma de idéias, crenças e descobertas. As bibliotecas faziam parte dos mais antigos tempos e palácios, reunindo, organizando e conservando para a posteridade as informações registradas, nas mais diversas formas e materiais.

Na Idade Média, nada melhor do que a citação de Umberto Eco, acima, para descrevê-la. Numa época em que a disseminação do conhecimento foi praticamente "banida", a figura do bibliotecário, o guardador de livros, assume um caráter mágico, como dono de verdades que religiosamente conserva, resguardado do desaparecimento emoções, criações, idéias e descobertas. O conhecimento enclausura-se nos mosteiros, escudado por seus fiéis guardiães, os bibliotecários, até o surgimento das primeiras universidades, no século XII. O livro, arma perigosa, não é divulgado, mas preservado:

"É verdade, disse admirado. Até então pensava que todo o livro falasse das coisas, humanas ou divinas, que estão fora dos livros. Percebi agora que não raro os livros falam de livros, ou seja, é como se falasse entre si. À luz dessa reflexão, a biblioteca parece-me ainda mais inquietante. Era então ou lugar de um longo e secular sussurro, de um diálogo imperceptível entre pergaminho e pergaminho, uma coisa

viva, um receptáculo de forças não domináveis por uma mente humana, tesouro de segredos emanados de muitas mentes e sobrevividos à morte daqueles que os produziram, ou os tinham utilizado" (Op. cit., p.330).

A admiração do personagem Adso, na citação acima, quando se conscientiza do poder do livro, teria sido ainda maior se tivesse "vivido" algum tempo mais tarde, quando a biblioteca abre-se para o mundo, vulgarizando o conhecimento, tornando-o acessível a públicos cada vez mais diversificados, movidos por objetivos que vão da pura curiosidade até a pesquisa especializada, passando também como uma opção de lazer. (Nesse meio tempo, muita coisa aconteceu).

Eis que, nessa linha, chega-se ao ano de 1985, segunda metade do século XX, em plena era da informática, quando a rapidez da criação e disseminação do conhecimento se acentua de forma a tornar cada vez mais difícil o conhecimento de toda a informação disponível. O bibliotecário, nessa nova realidade, mudou. O perfil traçado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul para a formação de profissionais bibliotecários, passou a estabelecer que, além de possuírem conhecimentos e habilidades a utilização de recursos técnicos e metodológicos, devem estar conscientes de que precisam exercer um papel ativo no processo histórico, como intermediários entre o saber registrado e a sociedade, ao mesmo tempo em que devem atuar com senso crítico em sua área de competência, procurando fundamentos científicos e soluções eficazes para os problemas que tiverem de enfrentar no exercício da profissão (UFRGS, s/d). Para isso, o aluno interessado, após ultrapassar a barreira do vestibular, realiza um curso de quatro anos, para, então, ser considerado um "bibliotecário".

Nesse contexto encontra-se uma proposta revolucionária, num artigo cujo título fala por si só: "Biblioteca escolar. Monte em quinze dias. Um desafio à sua criatividade", de Aureliano Calvo Hernandez (Revista do Professor, Jn-mar, 1985). Nele, o autor mostra como, a partir de uma *forte dose de entusiasmo*, pode-se organizar, em pouquíssimo tempo, uma biblioteca escolar considerável acervo e funcionamento. Após descrever as características físicas do espaço e das obras, aponta as características da pessoa que se responsabilizará pela biblioteca, baseadas em "entusiasmo, iniciativa, organização". Mas... e a formação? Onde entre o curso Biblioteconomia e seus egressos?

Indiscutivelmente é preciso que exista na biblioteca um profissional apto, dinâmico, que facilite a busca e a disseminação da informação: o bibliotecário. É ele um elemento chave para a realização das novas tarefas, e não mais um simples zelador de livros. No caso específico da biblioteca escolar, é um guia, um orientador, um educador, já que sua função é a de contribuir para a obtenção dos fins da educação, incentivando os alunos em todos os aspectos da leitura, bem como outras atividades docentes, discen-tes e administrativas, para que despertem em si uma consciência crítica. Além disso, o bibliotecário é um colaborador do professor, ao lhe facilitar o acesso aos materiais didáticos e programas de ensino mais atualizados.

O bibliotecário é o agente que concilia o conhecimento e técnicas indispensáveis no desempenho da Biblioteconomia e, por isso, deve ser o ocupante legítimo desse espaço profissional, espaço este constituído a partir das necessidades, expectativas e demandas no terreno da informação registrada em qualquer suporte físico, a qualquer nível e de qualquer natureza, com reconhecimento profissional

definido em lei. Logo, não é só o "entusiasmo" que torna a pessoa apta a organizar uma biblioteca escolar, mas a formação profissional pertinente, aliada, sem dúvida, a conhecimentos sobre a educação em geral, o ensino, o indivíduo e a realidade social.

Prosseguindo, o autor indica que "a preferência deve recair num lugar de muito movimento de escada, de entradas e saídas, cantos de subida e descida...". Por que um lugar qualquer para a biblioteca, quando instituições públicas primam pelo luxo e tamanho de suas instalações físicas? Por que um lugar precário, quando se sabe que isso conduz a um baixo rendimento? Deve-se ter em mente pelo menos a sua funcionalidade; é preciso um espaço para a movimentação das pessoas entre as informações, e não "um lugar movimentado". A biblioteca deve estar situada em local de fácil acesso, onde as pessoas se encontrem, troquem idéias, enfim, onde seja possível um contato direto com o conhecimento e sua discussão crítica.

A biblioteca escolar tem uma responsabilidade específica para com a sociedade, que é a de informar, instruir e educar, pois seu papel é educativo e, assim sendo, é uma instituição importante no processo de renovação e transformação social. Portanto, é fundamental a atuação do bibliotecário como apoio do trabalho do professor, base para a formação de uma população crítica, consciente dos recursos disponíveis, no apoio ao programa de ensino e no desenvolvimento intelectual geral do aluno.

Sabe-se muito bem o quanto é válido o entusiasmo com que todo o professor que se envolve com uma biblioteca realiza sua função. Mas é o bibliotecário? Para que formá-lo às dezenas de anos a ano, se um professor motivado pode realizar a contento as mesmas funções? E, ainda mais, treinado em quinze dias, conforme sugestão do autor, quando ele depende de quatro anos para fazer o mesmo?

Indo além, o próprio autor mostra-se um entusiasta ferrenho da biblioteca, ao relatar uma experiência pessoal em que, a partir de campanhas de doações, conseguiu organizar uma vasta biblioteca (Organizar não é só reunir livros; esta é apenas a tarefa inicial e, mesmo para realizá-la, é preciso não só recursos financeiros, mas também de amplo conhecimento para a seleção das obras indispensáveis e adequadas ao usuário). Trata-se, sem dúvida, de um

exemplo a ser seguido, que lança uma alternativa para ultrapassar a barreira da falta de verbas através do envolvimento comunitário. Contudo, entra aí um elemento básico a ser questionado: se a biblioteca é importante para a escola, por que passar para professores e alunos um encargo da própria organização educacional? Não é uma transferência inadequada?

"*Livros... livros... muitos livros. A compra? De preferência em uma só livraria (pelo desconto...)*". Um dos critérios na seleção deve ser a *qualidade* e não a quantidade do material. Para um bibliotecário, é impossível restringir-se ao desconto dado por uma livraria, e, muito menos, limitar-se às obras que ela dispõe. A biblioteca significa algo mais do que um simples amontoado de livros; significa tornar conhecida e utilizável a informação contida nos livros e outros materiais; representa milhares de aulas impressas. Além disso, há muito que o livro didático deixou de ser elemento único e absoluto no processo de aprendizagem; a biblioteca deve

O bibliotecário é o agente que concilia o conhecimento e técnicas indispensáveis no desempenho da Biblioteconomia e por isso, deve ser o ocupante legítimo desse espaço.

dispor não só de livros, mas também de publicações periódicas, imprescindíveis para uma atualização permanente, contribuindo para a aprendizagem integral do estudante como ser humano em formação. Isso sem mencionar outros tantos materiais que servem para o mesmo fim, tais como filmes, discos, audiovisuais, etc.

Mas, dentro da proposta, depois da campanha de doações, o que falta?

"*E depois, depois é só um simples registro e um bom controle de empréstimo. O resto, corre por conta dos leitores-doadores*".

E, decorridas duas semanas, o autor sugere que seja feito o fichário, com registro feito pelo sobrenome do autor e do título, mas, segundo ele, é dispensável a entrada por assuntos, por se tratar de literatura infantil. Mas um simples registro não proporciona uma rápida armazenagem e recuperação da informação, indispensável para um bom atendimento, o que é essencial. Sem falar no valor do catálogo por assunto, visto que grande

número de pequenos usuários voltam pedindo outros livros sobre "pintinhos, jacarés ou bichinhos que falam", porque gostaram do livro anterior. Daí discordar-se também da afirmação do autor, de que é dispensável a entrada por assunto.

Depois, sentar e esperar. Parece uma atitude passiva, incompatível com o dinamismo de uma biblioteca. Ela é antes de tudo um órgão vivo, atuante. Uma constante atualização se faz necessária, para que, conseqüentemente, o usuário fique sempre em dia com as novas informações. A simples organização inicial não é suficiente, pois condena a biblioteca a esperar pela chegada do usuário. Na maioria das vezes a biblioteca é que vai à sua procura, através de diversas atividades de extensão, tais como hora do conto, exposições, boletins para divulgação de materiais, gincanas, atividades extracurriculares, etc. A motivação do aluno não se restringe a uma capa colorida...

E quanto ao empréstimo? "*Perdeu o livro, reposição imediata*" (...). "*Atrasou na devolução? Deixa de retirar por duas semanas (...). Renovação? Não. Isto fará com que o aluno se programe a ler o livro em uma semana (...)*". Aprende-se, no curso de Biblioteconomia, que é muito importante a formação do gosto pela leitura, e por isso é preciso que o aluno seja incentivado, e não punido. Não se pode esquecer que crianças e jovens são pessoas, que devem ser tratadas como tal; devem ter a liberdade de ler no seu próprio ritmo e de escolher leituras que venham ao encontro de seus interesses.

Não há motivo para ter medo da danificação do material e sim o interesse de que o usuário, uma criança ainda, se familiarize com a biblioteca, já que ele é o elemento mais importante; sem ele, a biblioteca não existe. E, quanto menos democráticas as relações dentro dela, menores serão as chances de crescimento intelectual de seus freqüentadores.

Feitas todas essas considerações sobre o artigo, deve ficar claro que o mesmo é apenas um exemplo, entre vários outros, do que ocorre com a profissão de bibliotecário no contexto social, cujo espaço, além de reduzido, vem sendo absorvido, de forma errada, por outros profissionais. Veja-se especificamente o caso da biblioteca escolar que, pela inexistência do cargo de bibliotecário no plano de carreira do Estado do Rio Grande do Sul, é transformado numa atividade docen-

te. E, se bibliotecários são contratados, o são no cargo de professores.

Outro aspecto refere-se ao treinamento, cada vez mais usual, de leigos para atuarem em bibliotecas; na falta de bibliotecários, pessoas com formação educacional diversificada recebem uma orientação geral de como exercer as funções de bibliotecário. Daí resulta um exercício indevido da Biblioteconomia, ou pior, a atuação de pessoas que, mal informadas, podem cometer erros irreparáveis, como, por exemplo, o afastamento do usuário. E, muitas vezes, esse pessoal é contratado em substituição a profissionais, por desconhecimento ou, mesmo, com o objetivo de obter mão-de-obra mais barata.

O treinamento tem uma abrangência restrita; falta o embasamento teórico para que o trabalho seja eficaz. Daí resulta mais uma distorção profissional, apesar de que, em forma inversa, alguns desses elementos, conscientes da necessidade de uma melhor formação, procuram o curso de Biblioteconomia.

Prosseguindo, outro exemplo de desvio profissional foi encontrado através da imprensa, em anúncio veiculado pelo jornal Zero Hora, seção de classificados, referindo-se à vaga de bibliotecário. Procurando maiores detalhes, alunos do curso de Biblioteconomia foram informados de que a mesma destinava-se a uma empresa de grande porte de Porto Alegre, que possui uma biblioteca organizada e... nenhum bibliotecário! Então questiona-se: como pode um auxiliar de biblioteca atuar sem a supervisão de um profissional? Pelo menos com o que se aprende no curso de Biblioteconomia, isso é impossível. Trata-se, pois, de mais uma agressão profissional, já que, além dos conhecimentos presumíveis que o candidato deve ter, precisa dominar nada menos do que quatro idiomas: inglês, francês, alemão e espanhol. Enquanto isso, no curso, aprendem-se somente inglês e francês, em nível instrumental. Será que o currículo está incompleto, ou será que é exigência demasiada, ainda mais para um auxiliar de biblioteca? Será que a vaga não caberia a uma secretária poliglota, restando as funções específicas para um bibliotecário?

E, finalmente, outro anúncio oferece uma vaga para bibliotecária (feminina, portanto discriminando a profissão pelo sexo), com ótima apresentação, experiência em classificação de materiais, etc., mas, para serviços temporários.

Do exposto, podem ser extraídas algumas considerações finais. Em primeiro lugar, verifica-se que, se de um lado a profissão de bibliotecário mudou substancialmente com o avanço tecnológico do século XX, não se pode dizer, de outro, que ela tenha se *afirmado socialmente*. Constata-se, ainda, uma grande distância entre a noção que o *bibliotecário* tem de seu espaço, e o que a *comunidade* pensa dele; embora seja uma profissão que não enfrente saturação do mercado de trabalho, há um desvio de funções, onde muitas atribuições que são específicas de Biblioteconomia, são feitas por outros profissionais. Assim, apesar da importância dos processos de preservação e disseminação de informações, cada vez maior, o bibliotecário é um ente dispensável.

Em especial na biblioteca escolar, parece que a sua colaboração no processo educacional não está clara, quando se lê um artigo onde, apesar de toda a caracterização do perfil de uma pessoa responsável pela biblioteca, não é

*Fala-se que as pessoas não lêem.
Mas como poderão fazê-los
não são incentivadas a isso
desde a escola?
O gosto pela leitura não é
algo inato, mas que precisa ser
cultivado.*

citada nenhuma vez a *necessidade de que tal pessoa seja um bibliotecário*. Além disso, constata-se uma grande discrepância entre o que é ensinado no curso, a respeito da participação do bibliotecário como auxiliar direto do professor, com a realidade, onde este é que assume o papel daquele, num característico desvio profissional. E alegar-se, justificando essa situação, que isso é provocado pela falta de um profissional bibliotecário, não deixa de ser verdade, uma vez que, no próprio plano de carreira dos servidores do Estado do Rio Grande do Sul, a lacuna persiste.

Outro ponto a destacar é o da relação bibliotecário-usuário que, se com a presença de um profissional formado, que aplica toda uma gama de diretrizes teóricas, baseadas no estudo de usuários, já apresenta problemas, sem ele se torna ainda pior. Por mais entusiasmado que esteja o professor, falta-lhe a base metodológica de atuação, baseada nos estudos já feitos por sobre o assunto.

A conseqüência mais significativa que decorre da "dispensabilidade" do profissional, daí advindo o descrédito da própria biblioteca escolar, é tão comum falta do hábito de leitura entre adultos e, pior que isso, do próprio *gosto* pela leitura. Fala-se que as pessoas não lêem. Mas como poderão fazê-lo se não são incentivadas a isso desde a escola? O gosto pela leitura não é algo inato, mas que precisa ser cultivado. Se a escola não o faz, na medida em que a biblioteca escolar não passa, na maioria das vezes, de apenas um *depósito* de livros e de pessoas, sem um agente dinamizador, quem a substitui? Nos casos em que isso não acontece, deve-se ao estímulo da própria família, em substituição à escola.

A biblioteca escolar não é uma sala de pessoas que estão "sobrando", sejam professores, ou sejam até mesmo bibliotecários, mas sim um lugar que deve atrair o usuário em potencial, que é a criança em processo de aprendizagem. Infelizmente, a imagem que grande parte dos alunos têm da "bibliotecária", e que levam consigo para o resto da vida, é a de uma figura anti-pática, agressiva e intolerante que, em vez de motivá-los, afasta-os.

De tudo isso, é essencial que, tanto no meio bibliotecário, quanto na sociedade, incluindo-se desde o governo até o pequeno leitor, seja enfatizado o *sentido real* de uma biblioteca, especialmente a escolar. E, dentro dela, que o *papel do bibliotecário* seja definido, de forma que, com o tempo, perca o sentido questionar-se: bibliotecários, para quê?

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

1. ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983. 562p.